

# POR AÍ, POR AÍ...

## Da corpografia urbana ao mapa-texto

*THERE, THERE...*

*From urban corpography to the text-map*

*Débora Souto Allemand<sup>1</sup> e Carmen Anita Hoffmann<sup>2</sup>*

### Resumo

O estudo buscou, quando da publicação original em 2018, associar o projeto de extensão *Caminhos da Dança na Rua* ao método da Cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011), procurando traçar no mapa-texto o que foi gerado no corpo; e agora reinventado pelas novas experiências e sensações extremas de temperaturas entre o inverno e o verão, entre Pelotas e Porto Alegre e em meio à Pandemia da Covid-19. As experiências dessa escrita transitam nas condições diversas de ser, pensar e sentir no sul do sul, indo ao encontro da 21ª edição da Revista Pixo. A reinvenção das palavras-texto em palavras-mapa se faz através de cortes no texto de 2018, substituindo essas partes por estrofes da música Ramilonga, de Vitor Ramil, que ganha força no desejo de um passado que pode vir a se reinventar, onde a estética do frio (RAMIL, 2004) traga novamente elegância ao passo da multidão.

Palavras-chave: cartografia, dança, corpo-cidade, reinvenção textual.

### Abstract

*The study sought, when it was originally published in 2018, to associate the Caminhos da Dança na Rua extension project with the Cartography method (DELEUZE; GUATTARI, 2011), trying to trace on the map-text what was generated in the body; and now reinvented by the new experiences and extreme sensations of temperatures between winter and summer, between Pelotas and Porto Alegre and in the midst of the Covid-19 Pandemic. The experiences of this writing transit in the different conditions of being, thinking and feeling in the south of the south, meeting the 21st edition of the Pixo Magazine. The reinvention of text-words in map-words is done through cuts in the 2018 text, replacing these parts with stanzas of the song Ramilonga, by Vitor Ramil, which gains strength in the desire for a past that can reinvent itself, where the cold aesthetics (RAMIL, 2004) bring elegance back to the crowd.*

*Keywords: cartography, dance, body-city, textual reinvention.*

Este texto tem como objetivo geral discutir sobre formas de leitura da cidade a partir de experimentações com dança na rua, tendo como foco os espaços abertos de Pelotas-RS. Além disso, busca-se refletir sobre as possibilidades de atualização de um texto já publicado anteriormente, por meio de olhares contemporâneos sobre a cidade e seus modos de uso num período pós pandemia de COVID-19<sup>3</sup> e através da atenção às sensações corporais que as diferentes estações do ano nos proporcionam.

Inicialmente, com a chamada da 21ª edição da Revista Pixo, buscando reunir múltiplos olhares e discussões que reverberam as potencialidades do sul da América do Sul, lembramos de um texto publicado por nós em 2018 no livro *Experiências Cartográficas: exploraciones y derivas*<sup>4</sup>, que parecia se aproximar das pautas do periódico. Intitulado “Por aí, por aí... experiências corpográficas na cidade de Pelotas”, o estudo inspirava-se em Vitor Ramil<sup>5</sup> para pensar sobre as explorações artísticas corporais no espaço urbano em meio ao frio de um inverno no Rio Grande do Sul<sup>6</sup>, se utilizando de relatos de experiência de algumas participantes do projeto *Caminhos da Dança na Rua*<sup>7</sup>, bem como de imagens fotografadas no percurso daquelas danças na cidade.

Na leitura de revisão do texto ora publicado em 2018, e calcadas no método da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011), alguns trechos do “original” não fizeram sentido, ou não fizeram nossos corpos vibrar (ROLNIK, 2011). A justificativa para isso tem relação especial com os novos modos de estar na cidade a partir de 2020, como colocado por Albuquerque Júnior (2020, s.p.):

As ruas desertas, já não emitem as mesmas sonoridades estridentes de costume. Apenas uma motocicleta passa furtiva, como que fugindo do inimigo invisível que parece perseguir a todos. Estamos diante de uma paisagem do medo e da angústia, e o silêncio é o signo mais eloquente de que algo se passa, de que algo incomum acontece.

Ou seja, se antes deitávamos no chão das ruas, dançávamos com desconhecidos e nos aglomerávamos para chamar atenção aos elementos da cidade – como será verificado mais adiante no texto –, agora praticamente já nem saímos de casa, salvo para deslocamentos essenciais. Além disso, nosso distanciamento do texto publicado

3 Em janeiro de 2022, vivemos ainda um período de pandemia de COVID-19. Essa vivência, desde o início de 2020, fez com que nossas relações com o espaço urbano e com o espaço da habitação se transformassem completamente, pois o distanciamento social ainda é a forma mais eficaz de diminuir a transmissão do vírus.

4 Este texto foi publicado originalmente em: TETAMANTI, Juan Manuel Diez; CANALI, Constanza; VILA, Verônica (Orgs.). *Experiências Cartográficas: exploraciones y derivas*. Buenos Aires: Editorial Margen, 2018, v. 1, p. 09-19.

5 “Nasci no interior, mais ao Sul do que Porto Alegre, na cidade de Pelotas, que em alguns dos meus textos e canções aparece com seu nome em anagrama: *Satolep*. Minha vida profissional começou e se desenvolveu em Porto Alegre. No entanto gravei quase todos os meus discos no Rio de Janeiro, centro do país e do mercado da música popular brasileira. A exceção é o meu mais recente CD, *Tambong*, gravado em Buenos Aires, Argentina. Aos dezoito anos gravei meu primeiro disco, *Estrela, Estrela*; aos vinte e quatro troquei Porto Alegre pelo Rio de Janeiro, onde morei por cinco anos. Vivi esse período no bairro de Copacabana, praia símbolo do verão brasileiro, onde, apesar do clima de mudanças discretas entre as estações e do predomínio do calor, mantive sempre alguns hábitos do frio, como o chimarrão, um tradicional chá quente de erva-mate” (RAMIL, 2004, p. 9).

6 Rio Grande do Sul é o Estado brasileiro do qual a cidade de Pelotas faz parte. O frio é um grande diferencial entre nós, moradores do Rio Grande do Sul, e os brasileiros de outros Estados. O frio, fenômeno natural sempre presente na pauta da mídia nacional e, ao mesmo tempo, metáfora capaz de falar de nós de forma abrangente e definidora, simboliza o Rio Grande do Sul (RAMIL, 2004).

7 Projeto de Extensão do Curso de Dança-licenciatura UFPel. Define-se como um espaço-tempo que contempla as inquietações e desejos acerca da relação poética das pessoas entre si e com o espaço público – arquitetônico e urbano. O objetivo do grupo, sobretudo, era o de experimentar movimentos corporais a partir do espaço urbano.

1 Professora de Dança do Colégio de Aplicação da UFRGS. Doutoranda em Artes Cênicas pela UFRGS. Mestra em Arquitetura e Urbanismo, Licenciada em Dança e Arquiteta e Urbanista (UFPel). Estuda as relações entre corpo, escola, dança e espaço. Pesquisadora nos Grupos de Pesquisa OMEGA/UFPel e GESTE/UFRGS.

2 Avó do Miguel. Professora do Curso de Dança-licenciatura da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Doutora em História - PUCRS. Arquiteta e Urbanista. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa OMEGA/UFPel. Criadora e colaboradora do Projeto de Extensão “Caminhos da Dança na Rua” desde sua origem.

em 2018 não se deu somente em função das mudanças profundas na nossa relação corporal com a cidade pandêmica, também ocorreu em função do clima e da estação do ano em que escrevíamos o artigo para a Revista Píxo, edição de outono, em janeiro de 2022. Assim, resolvemos modificar a lógica do texto antigo, preservando passagens fundamentais para a compreensão dos nossos objetivos, mas sustentando nossas sensações sobre as cidades. A seguir, trataremos sobre a metodologia criada, para depois trazer as experiências já publicadas e revisitadas e, por fim, apresentaremos algumas considerações sobre a pesquisa.

### Por aí, por aí... Metodologia a partir das sensações térmicas

Só quem vive a experiência de morar no Rio Grande do Sul sabe dos momentos de “parada” que o clima frio implica. Quem sai e volta, sente sua terra com outro corpo. É o caso do cantor e compositor Vitor Ramil que, ao se afastar do Estado, percebeu que aqui existe um grande diferencial do restante do país, o frio, e analisa as contaminações dessa estação nas manifestações de artes: o que ele denomina *estética do frio*. Nessa linha, Ramil coloca que o frio aguça os sentidos, estimulando a concentração, o recolhimento, o intimismo e ressalta suas propriedades: rigor, profundidade, clareza, concisão, pureza, leveza, melancolia.

*Chove na tarde fria de Porto Alegre  
Trago sozinho o verde do chimarrão  
Olho o cotidiano, sei que vou embora  
Nunca mais, nunca mais  
(...)  
O tango dos guarda-chuvas na Praça XV  
Confere elegância ao passo da multidão  
Triste lambe-lambe, aquém e além do tempo  
Nunca mais, nunca mais  
(...)  
Ruas molhadas, ruas da flor lilás  
Ruas de um anarquista noturno  
Ruas do Armando, ruas do Quintana  
Nunca mais, nunca mais  
(Ramilonga, Vitor Ramil)*

Inspiradas por Ramil, refletimos sobre performances de dança na cidade de Pelotas/RS nos invernos de 2015 e 2016, a partir da associação do projeto *Caminhos da Dança na Rua* ao método da Cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011), com ênfase nas Corpografias Urbanas (JACQUES, 2008). Porém, paradoxalmente, editamos este mapa-texto em um dia de janeiro de 2022, na cidade de Porto Alegre, com mínima de 21 e máxima de 31 graus Celsius. Os últimos dias foram de calor extremo, com temperaturas que chegaram a 45 graus de sensação térmica. Nos propusemos, então, a revisar um texto que havíamos publicado em 2018, mas já somos outras. Após – ou durante – um período de pandemia, não somos mais aqueles corpos que saem para dançar na rua.

Como atualizar os sentidos e perceber o que faz o corpo vibrar (ROLNIK, 2011) agora? No texto primeiro, o mapa foi gerado no corpo e reinventado em palavras, num desejo de explorar outras possibilidades no diálogo entre corpo e urbanidade. Mas agora a reinvenção das palavras-texto em palavras-mapa se faz através de cortes no texto de 2018, substituindo essas partes por estrofes da música *Ramilonga*, de Vitor Ramil, que ganha força no desejo de um passado que pode vir a se reinventar, onde a *estética do frio* (RAMIL, 2004) traga novamente elegância ao passo da multidão (RAMIL, 1997).

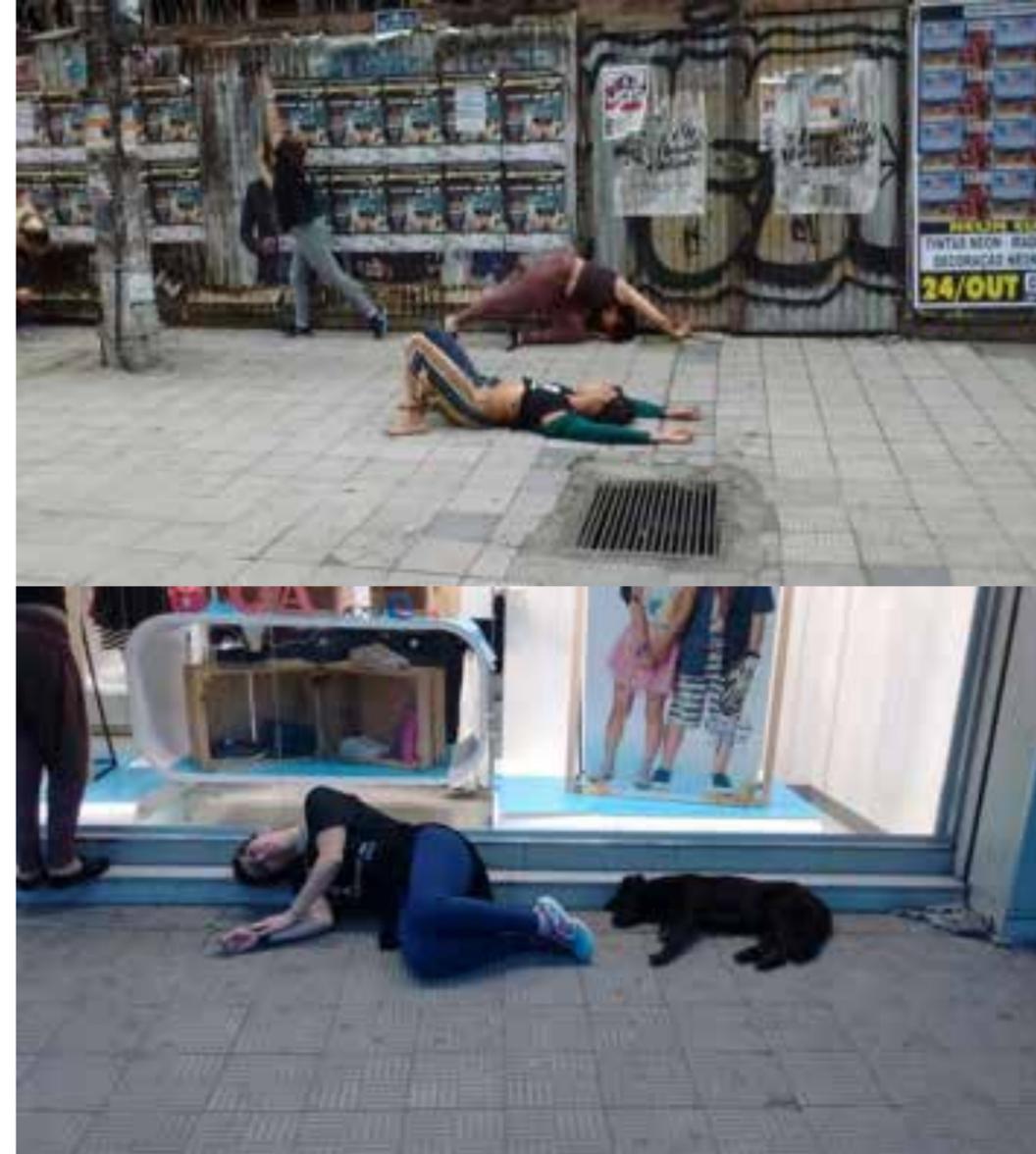


Figura 1 - Negociações do corpo no Calçadão central de Pelotas/RS. Foto: Carmen Hoffmann, 2015.

Assim, apresentamos os trechos da música de Ramil em fonte diferente do restante do texto, para dar destaque a uma ideia que se atravessa como um vento gélido, que passa por entre nossos ossos nos levando a esquecer momentaneamente o que estávamos fazendo. Experiências de escrita entrecortadas por trilhas sonoras que ainda nos inspiram reflexões sobre o que dançamos no passado.

*Ares de milonga vão e me carregam  
Por aí, por aí*

### Por aí, por aí... Caminhos da Dança nas Ruas de Pelotas

O *Caminhos da Dança na Rua*, nos corpos das participantes, busca problematizar uma conjuntura em que cria condições para a emergência de diversas formas de criar, de apreender e de dialogar com o espaço urbano. Trata-se de uma negociação, a própria ruptura provocada pelas performances está contaminada pelas formas de estratificar corpo e cidade em categorias cotidianas e suas diferentes situações. Essa possibilidade de ressignificação, onde se inserem experimentação, desejo e corpo/cidade – organismos funcionais produzidos pela subjetividade capitalística – desencadeia uma situação de risco de captura, sentida pelas participantes (JACQUES, 2008).



### *Olho o cotidiano, sei que vou embora*

Cabe ressaltar a forma de escolha dos diferentes espaços para as intervenções, que aconteceram de acordo com a vontade do grupo movido por impulsos poéticos, sempre questionando a ordem nas relações configuradas naquele ou naqueles espaços.

### *Ruas de um anarquista noturno*

O coletivo assume um estado de *performance*, se imbricando com a realidade e transfigurando-a: fluxo de ideias na vivência urbana e no espaço das operações cotidianas. Pois a cidade é lugar de caminhar, de se ligar às estações que cada indivíduo se relaciona para viver, ela compreende um campo social de diversas percepções do mundo e da sociedade.

O que se propõe com o *Caminhos* é dar fluidez ao que não está enquadrado na lógica dos comportamentos pré-estabelecidos, daqueles corpos normatizados e desejos que se tornam amortizados pela naturalização. Com esse propósito, retoma-se a potência criadora do corpo na sua vivência urbana ressignificada. Procura-se distanciar do corpo compassado pelo tempo da produtividade, marcados pelo relógio e pela velocidade. Prevalece a vontade de perceber a cidade sob outra ótica, percepções que passam pelas intensidades sentidas no corpo.

### *Trago sozinho o verde do chimarrão*

A estabilidade da cidade também é influenciada pelas condições climáticas, variável que se atravessa nos trajetos do corpo. Assim, como em um dia de inverno do mês de agosto de 2016, chovia à tardinha em Pelotas, o plano de consistência estratificado no clima fez com que o recolhimento e a preguiça se apresentassem ao grupo do *Caminhos da Dança na Rua*. O tempo-espaço da cidade pediu para que ficássemos “dentro de casa” e o assumimos literalmente como um momento de “internalização”, já que os corpos participantes não se disponibilizavam para as ações na rua. Talvez essa seja uma forma de os corpos se preservarem, se resguardarem à atividade na rua, que já é de exposição pela própria natureza do trabalho no espaço público – espaço desnudado, desprotegido, onde não existe hora para começar nem para terminar, para descansar ou sair de cena –, e um lugar de exposição direta às intempéries, principalmente nos meses mais frios.

Independentemente do motivo, esse tempo pode ser compreendido como um período de resistência, que faz com que os *ponteiros* das participantes se acertem; os desejos quanto ao trabalho na rua se transformem e, conseqüentemente, pode ser considerado



como um período de potência para que novas ideias venham de dentro para fora, ideias que serão transformadas no novo contato com a cidade. Inverno, primavera, verão e outono: cada estação com sua beleza, características e formas de ser-estar na cidade e na arquitetura, na casa-corpo e fora dela.

### *O tango dos guarda-chuvas na Praça XV Confere elegância ao passo da multidão*

Para alguns, é preciso experimentar outras cidades e outros climas para compreender como as características de nossa própria cidade nos constituem. Cada corpo acumula diferentes Corpografias através dos diferentes contatos com a cidade e suas relações entre a temporalidade e a intensidade das experiências urbanas é o que determinará como será o desenho do mapa no corpo de cada um (JACQUES, 2008).

As diferentes experiências urbanas se inscrevem em um corpo, que pode produzir diferentes Corpografias. Essas diversidades se apresentam cartografadas, em vídeos, fotos e depoimentos e, as próprias Corpografias que, inscritas nos corpos, não precisam ser representadas: elas se tornam visíveis a partir das vivências (JACQUES, 2008).

Uma dessas vivências utilizou diversos figurinos no espaço da rua, onde este era o motivador para a criação do movimento. Além disso, outros artefatos advindos das ações cotidianas dos espaços públicos, como caixas de embalagens de mercadorias, animais que circulam pela cidade, natureza urbana, entre outros, provocaram movimentos diversos e compuseram, de forma inusitada, a cena que se estabeleceu no momento das ações artísticas.



*Triste lambe-lambe, aquém e além do tempo*

Ações políticas e performances artísticas disponíveis às múltiplas entradas que a cidade indicava (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

*Na Chácara das Pedras vou me perder*

As *Caminhantes* comportam-se como rizomas (DELEUZE; GUATTARI, 2011), já que o que é produzido é efeito do que se passa entre o corpo biológico e o que ele vai descobrindo no meio em que se encontra: clima, cheiros, diferentes pavimentações, atividades e equipamentos urbanos.

*Do alto da torre a água do rio é limpa  
Guaíba deserto, barcos que não estão*

Na mesma lógica do mapa, que “deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 43), se dão as ações do *Caminhos*, que se permitem modificar a cada momento a partir dos estímulos da cidade. As participantes ficam em estado de atenção, estado de jogo, para perceber como o entorno pode modificar seus movimentos, para perceber em que instante a cidade passa a ser seu próprio corpo.

Cada participante acumulou diferentes Corpografias, resultantes das diferentes experiências urbanas vividas e sentidas por elas. A cidade proporciona sensações que não só passam pelo corpo como o constituem. Como descrever o sol que toca nossa pele quando estamos de olhos vendados? Como descrever o vento, que nos desestabiliza e influencia diretamente nosso corpo? Podemos ir até ao limite, deixar o vento nos empurrar até cairmos, podemos tirar uma perna do chão e brincar com o desequilíbrio, ou não, contraímos o abdômen e vamos em frente, enfrentamos.

*As aulas na rua ou na sala nos fazem ter discussões sobre essa Pelotas muitas vezes esquecida, abandonada, mas que respira arte, cultura e muitos movimentos. Eu sempre soube dessa parte, mas poder sentir, tocar e estar na rua está fazendo com que minhas memórias corporais se aflorem e eu tenha cada vez mais curiosidade de conhecer outros cantos e ventos dela (Karen Rodrigues).<sup>8</sup>*

<sup>8</sup> Na linha de raciocínio de Halbwachs (2013) é que se optou por citar depoimentos (mapas-narrativas) dos participantes no decorrer do texto do projeto e estes constam em itálico para diferenciar das citações bibliográficas. Ele defende a ideia da memória tratar-se de um “vestígio”, um fato documentado e, no caso aqui, através de depoimentos orais de alguns de seus protagonistas mais significativos. Daí que a escolha pela oralidade entra como elemento-chave no desenvolvimento do registro, uma vez que a diversidade de seus protagonistas resulta em diferentes vestígios de memória, acompanhando a diversidade das experiências vividas nas diferentes situações, caracterizando as interpelações discursivas individuais e

Para Jacques (2008), a experiência urbana voluntária é considerada um tipo de microrresistência ao processo de espetacularização das cidades contemporâneas, pois a cidade deixa de ser cenário e ganha corpo a partir do momento em que é praticada, em que seu projeto urbano é atualizado, o que faz surgir outra forma de apreensão urbana, como comenta uma das integrantes da experiência:

*Percebo contrastes na cidade. Ao mesmo tempo em que vejo pessoas correndo sem olhar para os lados (e para a frente e para trás), ou olhando apenas para o celular e tropeçando nas calçadas, percebo também pessoas curiosas que sentam no banco da praça e observam a cidade. Esses contrastes, pelo que percebi até então, estão muito relacionados com os lugares frequentados. No calçadão, a correria é evidente, mas na praça percebi muita gente curiosa com as nossas atividades (Helena Lessa).*

O estudo corpográfico do *Caminhos* aponta na direção da compreensão das memórias corporais que resultaram das experiências nos diferentes espaços da cidade de Pelotas e, também, na apreensão das memórias espaciais registradas nos corpos a partir das relações com os espaços.

*Ruas molhadas, ruas da flor lilás*

No *Caminhos*, a corpografia urbana aconteceu de forma voluntária. Espalhávamo-nos na cidade como ervas daninhas, procurando as brechas, os vazios, os espaços não ocupados, transgredindo os usos comuns da cidade (DELEUZE; GUATTARI, 2011). E, assim como canta Vitor Ramil (1997): “Chega em ondas a música da cidade. Também eu me transformo numa canção. Ares de milonga vão e me carregam. Por aí, por aí”, também sentimos que nos misturamos com a cidade e seus componentes, como se percebe no relato de uma das participantes:

*Só não pode cair no vão o cheiro das folhas no chão, a textura das paredes descascadas, o sabor das ruas molhadas. Somos seres galopantes, fragmentos de saberes. Troca o toque e reutiliza o gesto em cada encaixe. Em cada fresta de corpo desocupado. Pode se preencher com o vento ou com o fato (Sarah Leão).*

*Nunca mais, nunca mais*

Esse pulsar foi o que gerou as coordenadas para os corpos se apropriarem dos espaços urbanos de Pelotas. Corpos em ação comprometidos com a vivência e as trocas afetivas, visuais, poéticas em um coletivo desejoso e acordado. O que foi produzido nos espaços corresponde a uma escala singular, diante da amplitude e diversidade na qual se pôde vivenciar, e nos desdobramentos de cada evento.

O interessante, até então, foi perceber o que fica para cada integrante, na memória do que se propôs enfrentar no espaço urbano, que cartografias foram criadas com as Corpografias Urbanas. Estas possibilidades de relações entre corpo e cidade, que podem se desdobrar em outras formas de criar, ou não, ficaram inscritas no corpo sentido em outras intensidades, temperaturas, ritmos, conexões e relações com outros corpos. Por aí, por aí...

coletivas do grupo.

### Por aí, por aí... Da corpografia urbana ao mapa-texto

Por aqui, aproximadamente cinco anos depois da escrita daquele texto, percebemos que as relações entre corpo e cidade se desdobraram sim em outras formas de criar. A intensidade das sensações que aquelas danças provocaram em nós nos mostraram que mesmo em momentos de distanciamento social é possível refletir sobre as cidades que estão em nós, sobre as cidades que somos.

Como disse a participante do Caminhos da Dança na Rua, Karen Rodrigues, em seu depoimento, nossas memórias corporais se afluíram na experiência de escrita deste artigo. O que demonstra que os olhares para o sul não apontam apenas uma geografia, mas apontam para modos de fazer pesquisa mais calcados no corpo e nas sensações vibráteis. Portanto, talvez a cartografia como método seja também uma possibilidade de “sulizar” os modos de enxergar as cidades e nossa relação com o cotidiano, pois ela nos deu base para as invenções textuais e as reinvenções urbanas.

Inspiradas em Helena Lessa, e atentas aos contrastes da cidade, também percebemos contrastes em nossos corpos nos períodos de diferenças extremas de temperaturas, entre frio e calor, entre inverno e verão, assim como entre as práticas extremas de convívio no espaço urbano ou de distanciamento social. Não é simples revisitar um texto se atentando para as mudanças de pensamentos que os últimos anos provocaram em nós. Como apreender a cidade se agora nosso contato com ela é indireto, distante e mediado por telas? Este estudo se configura num texto-memória?

Escritas sobre o inverno, atualizadas no verão e espalhadas como fragmentos de saberes, para citar Sarah Leão em seu depoimento logo acima. Um mapa-texto lido em qual estação? Que ativa que tipos de cidades? Que modos corporais? Que memórias? Por aí, por aí... nas diferentes estações, no sul da América do Sul.

### Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A palavra como luto e como luta*. N-1 site Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/036>>. Acesso em: 29 mai. 2020.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 1. 2ª edição. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2ª Ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo. In: VELLOSO, Monica Pimenta, ROUCHOU Joelle e OLIVEIRA. *Corpo: identidades, memórias e subjetividades*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Corpografias urbanas*. 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 05/01/2017.
- RAMIL, Vitor. *A estética do frio: conferência de Genebra*. Satolep Livros: Pelotas/RS, 2004.
- RAMIL, Vitor. *Ramilonga*. In: *Ramilonga: A estética do frio*. Pelotas: Satolep Music, 1997. 1 CD (47min).
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

TETAMANTI, Juan Manuel Diez; CANALI, Constanza; VILA, Verônica (Orgs.). *Experiências Cartográficas: exploraciones y derivas*. Buenos Aires: Editorial Margen, 2018, v. 1, p. 09-19.